

TECIDOS URBANOS: A DERIVA NA ÁREA CENTRAL DE BAURU COMO RESGATE HISTÓRICO, URBANÍSTICO E ARQUITETÔNICO

URBAN LAYOUTS: WANDER IN THE CENTRAL AREA OF BAURU AS A HISTORICAL, URBANISTIC AND ARCHITECTURAL RESCUE

PAMIO, LUCAS¹; HIRAO, HÉLIO²; GHIRARDELLO, NILSON³

¹Mestrando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, lucas.s.pamio@unesp.br;

²Doutor em Geografia, Professor Assistente da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, helio.hirao@unesp.br;

³Doutor em Arquitetura e Urbanismo, Professor Associado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, nilson.ghirardello@unesp.br.

RESUMO

Este artigo explora a prática da deriva como uma ferramenta poderosa para redescobrir o centro urbano de Bauru, uma cidade do interior de São Paulo, rica em arquitetura e história. Inspirado pelo Movimento Situacionista, o estudo destaca a ideia de liberdade ao redescobrir espaços urbanos que são frequentemente ignorados. Mais do que apenas caminhar por esses lugares, o artigo busca resgatar histórias e detalhes esquecidos, que se perderam na memória coletiva ao longo do tempo. A deriva, baseada no conceito de Guy Debord, oferece uma nova forma de experimentar o ambiente urbano, revelando aspectos que muitas vezes passam despercebidos na correria do cotidiano. Este estudo foca especificamente no centro da cidade de Bauru, observando cuidadosamente suas paisagens, características e as pessoas que circulam por ali, especialmente nas manhãs de domingo. Esse recorte temporal permite uma análise mais autêntica, trazendo à tona detalhes do centro que costumam ser ignorados. Ao se entregarem a essa experiência, os participantes se libertam das rotinas diárias, embarcando em uma jornada de redescoberta, que oferece novas perspectivas sobre as paisagens urbanas. Esse processo vai além da simples observação; ele se transforma em uma imersão profunda na essência viva da cidade, reconectando os conceitos de urbanismo e trazendo à tona a alma pulsante do espaço urbano. E também explorando as potencialidades da deriva pela área central como uma ferramenta enriquecedora para a leitura da cidade no contexto contemporâneo.

Palavras-chave: Deriva; Caminhografia; Centro de Bauru; Tecido Urbano.

ABSTRACT

This article explores the practice of drifting as a powerful tool for rediscovering the urban center of Bauru, a city in the interior of São Paulo, rich in architecture and history. Inspired by the Situationist Movement, the study highlights the idea of freedom in rediscovering urban spaces that are often ignored. More than just walking through these places, the article seeks to recover forgotten stories and details that have been lost in the collective memory over time. Drifting, based on Guy Debord's concept, offers a new way of experiencing the urban environment, revealing aspects that often go unnoticed in the hustle and bustle of everyday life. This study focuses specifically on the city center of Bauru, carefully observing its landscapes, characteristics and the people who circulate there, especially on Sunday mornings. This time frame allows for a more authentic analysis, bringing to light details of the center that are often overlooked. By indulging in this experience, participants free themselves from daily routines, embarking on a journey of rediscovery that offers new perspectives on urban landscapes. This process goes beyond simple observation; it becomes a deep immersion in the living essence of the city, reconnecting the concepts of urbanism and bringing out the pulsating soul of urban space, exploring the potential of drifting through the central area as an enriching tool for reading the city in the contemporary context.

Key-words: Wander; Walkability; Downtown Bauru; Urban Layout.

INTRODUÇÃO

O presente texto surge a partir de um exercício prático de visita ao território de memória da cidade, a área central de Bauru, local onde a cidade se consolida como uma das mais importantes do centro oeste paulista, muito em decorrência da chegada da ferrovia, que a tornou um entroncamento ferroviário valioso para a economia local e para o estado de São Paulo. Este local rico em exemplares arquitetônicos, paisagens e vestígios que atravessam diversos períodos, carrega as marcas do tempo que contribuem para contar sua história. Inspirado pelo método da caminhada como prática estética, o trabalho se fundamenta no conceito de Deriva, oriundo do Movimento Situacionista, conforme apresenta Jacques (2003). Prezando pela liberdade de redescobrir o tecido urbano dessa área central da cidade, que embora singular, é frequentemente esquecida, com isso o texto é um convite a exhibir o espaço urbano sob a ótica dos autores, revelando camadas ocultas e histórias que normalmente passam despercebidas no ritmo acelerado da vida cotidiana.

A abordagem adotada neste estudo vai além de uma simples exploração física do ambiente. Ela busca resgatar os detalhes que o tempo ocultou e que muitas vezes passam despercebidos na correria do cotidiano. Com isso, o artigo não se limita a apresentar uma exploração urbana tradicional, mas propõe uma verdadeira jornada de redescoberta e apreciação das complexidades e riquezas que compõem o espaço urbano da área central de Bauru. Através dessa perspectiva, a investigação pretende revelar camadas de histórias, memórias e elementos que dão vida ao coração da cidade, oferecendo uma visão mais profunda e humanizada desse cenário urbano.

Apresentada de forma breve, a prática da deriva tem suas raízes nos estudos situacionistas e se estabelece como uma metodologia para a análise das questões sociais e urbanas. Originada no movimento situacionista liderado por Guy Debord, a deriva propõe uma abordagem livre e desvinculada, explorando o ambiente urbano sem um destino pré-determinado. Sua usabilidade vai além do simples “caminhar e olhar”, revelando-se como uma ferramenta poderosa de descortinamento, capaz de desvelar características que muitas vezes passam despercebidas no fluxo diário da vida urbana.

Baseado nos estudos de Debord a respeito da deriva e de sua usabilidade enquanto proposta de reconexão não limitada com o espaço, Francesco

Careri (2013), propõe a caminhografia, um estudo que amplia a compreensão da deriva para além do simples movimento físico, adentrando o campo do simbólico e do imaginário. Esses conceitos fundamentais contribuem para a compreensão da deriva não apenas como um ato físico, mas como uma experiência multifacetada que engloba aspectos psicológicos, culturais e sociais.

A aplicação de processos cartográficos na anotação e reunião de dados provenientes da deriva encontra respaldo nas ideias de Gilles Deleuze e Félix Guattari, pensando esse produto físico como algo sempre modificável, “[...], desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (Deleuze; Guattari, 1996, p. 21). A cartografia, nesse contexto, não é apenas um registro geográfico, mas uma forma de mapear as interações e as dinâmicas emergentes durante a deriva. Essa abordagem teórica enriquece a compreensão da deriva, tornando esse experimento tão dinâmico quanto fluido.

Após essa contextualização teórica, o foco deste trabalho se desloca para a aplicação prática da Deriva, aliada a uma cartografia de sentidos, no contexto da área central da cidade de Bauru, no interior do estado de São Paulo. Esta localidade, dotada de uma arquitetura que abrange variados estilos e estados arquitetônicos, torna-se o objeto de estudo inicial. Contudo, como a proposta é redescobrir esses tecidos urbanos, passou-se a explorar ao longo da deriva não apenas aspectos físicos das edificações e estruturas, mas também as memórias e narrativas que elas abrigam, os rostos e corpos que circulam por elas, além dos diálogos diretos e indiretos estabelecidos com a cidade de forma geral.

A deriva ocorreu no centro de Bauru, uma cidade do interior de São Paulo, situada na região central do estado. Historicamente, essa área teve um papel crucial como ponto ferroviário, acompanhando o processo de urbanização da cidade. Com o passar dos anos, a região central passou por diversas transformações, consolidando-se como uma zona comercial vibrante. No entanto, como ocorre em muitas cidades de médio e grande porte, o centro de Bauru enfrenta desafios específicos, como o esvaziamento em certos períodos e dias, refletindo as complexas dinâmicas urbanas. Essa oscilação na atividade pode ser atribuída a fatores como a dinâmica do comércio, a mobilidade urbana e as mudanças nos padrões de consumo.

O traçado urbanístico dessa região, como aponta Ghirardello (2020), foi desenhado em forma de xadrez, com ruas dispostas em uma malha reticulada sobre um solo arenoso. Embora a área central ainda mantenha um grande potencial de consumo, usabilidade e conexão sociocultural, ela guarda características arquitetônicas ricas, que vão do Art Déco ao Eclétismo e ao Modernismo. Durante o dia, o Centro é pulsante, com um fluxo constante de pessoas, mas à noite, a região experimenta um esvaziamento significativo, revelando as nuances da vida urbana em Bauru.

Contrariando o que comumente se presume, o método empregado na utilização e prática da deriva como processo de análise socioespacial não é uma novidade, revela-se como uma abordagem flexível e duradoura, adaptando-se a uma variedade de objetos de estudo. Essa longevidade e adaptabilidade são, em parte, resultado do reconhecimento de que a maioria dos estudos, especialmente aqueles relacionados à geografia, urbanismo, arquitetura e sociedade, são intrinsecamente dinâmicos. A deriva, nesse contexto, se destaca como uma metodologia que abraça e compreende as complexas dinâmicas em jogo, diferenciando-se de abordagens mais estáticas. Essa flexibilidade torna a deriva uma ferramenta valiosa, capaz de capturar a essência fluida e mutável das relações entre espaço e sociedade, proporcionando uma compreensão mais rica e holística das dinâmicas urbanas e sociais.

Este estudo buscou desvelar a área central habitual, explorando paisagens e características que normalmente passam despercebidas e não são questionadas no dia a dia. A escolha de realizar a deriva em um domingo pela manhã permitiu registrar características sem abstrações, ao mesmo tempo em que revelou outras atividades que ocorrem em um dia da semana em que o comércio formal geralmente está fechado. Essa abordagem temporal específica proporcionou uma análise mais profunda e autêntica, destacando aspectos do centro urbano que costumam escapar à atenção cotidiana.

METODOLOGIA

O processo metodológico adotado demonstrou estar em sintonia com o propósito da deriva, associada à prática cartográfica. Essa abordagem possibilitou a exploração e aplicação de conceitos enquanto permitia que o corpo vagasse pelo centro da cidade, sem um destino predeterminado. A ênfase recaiu sobre a observação atenta, o registro e a anotação

de impressões e detalhes encontrados durante essa jornada. Essa integração entre deriva e cartografia não apenas promoveu uma experiência sensorial e exploratória do espaço urbano, mas também ofereceu uma oportunidade única de mapear subjetividades, narrativas e significados emergentes ao longo do percurso. Assim, a combinação dessas práticas contribuiu para uma compreensão mais rica e diversificada do ambiente, indo além das abordagens convencionais e fomentando uma perspectiva mais abrangente e envolvente.

A deriva realizada proporcionou uma oportunidade única para observar e registrar essas dinâmicas urbanas em tempo real, capturando as nuances do ambiente e seus altos e baixos. Ao explorar o centro de Bauru de forma não programada, a deriva permitiu uma compreensão mais orgânica e holística dos desafios e potenciais dessa área, enriquecendo assim a análise crítica da dinâmica urbana local, com o intuito de explorar cenários e paisagens que escapam ao olhar usual, buscando identificar encontros e acontecimentos não habituais. Para isso, utiliza-se a colagem de fragmentos visuais da paisagem como ferramenta de construção de imagem-ação. Dessa maneira, a colagem digital torna-se uma ferramenta eficaz para capturar e interpretar a complexidade de uma cidade.

Ao reunir fragmentos como imagens de edifícios, ruas, espaços públicos, detalhes arquitetônicos e cenas cotidianas, essas colagens criam uma representação visual única de uma área específica. Esse método permite que diferentes aspectos da cidade, muitas vezes vistos isoladamente, sejam combinados em um único quadro, oferecendo uma nova perspectiva do ambiente urbano. Cada fragmento da cidade pode ser fotografado ou digitalizado e, em seguida, reunido em uma colagem digital. Essa composição não apenas preserva momentos e elementos isolados, mas também os organiza de modo que novas conexões e significados emergem. Ainda que se mantenha como uma interpretação própria de quem a constrói, podendo outros interlocutores recriá-la e resultar em outras interpretações, ela é válida como uma representação subjetiva da realidade urbana.

Observar o local em um momento específico do dia ou da semana, pode ter proporcionado insights valiosos sobre a dinâmica da região, destacando padrões de atividade incomuns ou oportunidades de interação social que podem passar despercebidas durante o fluxo regular. Essa abordagem consciente da escolha do local e do recorte temporal não apenas enriquece a experiência da deriva, mas também contribui para

uma compreensão mais profunda da vida urbana e das diferentes camadas de significado presentes no tecido urbano.

Partindo e retornando do edifício modernista Brasil-Portugal, projeto de autoria do arquiteto português Fernando Pinho, situado no cruzamento das avenidas Nações Unidas com Rodrigues Alves, a deriva percorreu um trajeto de pouco mais de oito quilômetros. Ao longo desse caminho, que se desdobrou em passos, paradas, olhares, registros e anotações, a atenção foi dedicada à apreciação da arquitetura dos edifícios, à contemplação do espaço, à observação dos rostos urbanos e à análise das causalidades que interligavam esses elementos, sejam eles estruturais, sociais ou paisagísticos. Essas observações contribuíram para a construção de uma narrativa rica e multifacetada da experiência urbana ao redor desse ponto central, oferecendo percepções valiosas sobre a complexidade e a diversidade do ambiente explorado durante a deriva.

A escolha pela ação composta por um único corpo foi, de fato, orientada pelo propósito de facilitar novos encontros entre o caminhante e seu território cotidiano. Como meio de consolidar os dados coletados e gerados durante a deriva, foi elaborada uma cartografia afetiva a partir dos registros fotográficos e das anotações feitas ao longo da jornada. Essa cartografia, além de ser uma expressão tangível da experiência do caminhar no espaço, traduz em um produto físico as nuances emocionais e sensoriais da deriva. Por meio dessa representação cartográfica, foi possível identificar regiões específicas e elaborar apontamentos significativos acerca da espacialidade explorada.

Ao reunir cuidadosamente as imagens capturadas e as notas registradas durante a deriva, a cartografia afetiva se tornou um artefato que vai além de um simples mapa. Ela se transformou em uma narrativa visual e emocional, proporcionando uma visão mais profunda e subjetiva da jornada urbana. Assim, a cartografia afetiva não apenas cumpriu a função de organizar informações, mas também se tornou uma ferramenta poética para expressar a interação entre o caminhante e o espaço.

EXPERIÊNCIAS DOS SEIS SENTIDOS

O início da formação metodológica da deriva remonta às décadas de 1950 e 1960, quando o Movimento Situacionista, liderado por Guy Debord, foi um dos principais teóricos e criadores da Internacional Situacio-

nista, fundada em 1957, desenvolveu essa abordagem como uma forma de exploração não adaptado do espaço urbano. O Movimento Situacionista, consistiu num movimento europeu de crítica social, cultural e política, emergiu, congregando pensadores influentes do período, incluindo arquitetos, filósofos e artistas. Esse movimento, enraizado em questões políticas e artísticas, tinha como objetivo buscar transformações significativas nesses cenários. Debord, influenciado pela literatura de Freud e Marx, baseava-se na vanguarda Letrista, buscando criar um movimento próprio, sendo essa vanguarda a qual se inspirou, conforme apresenta Aumont e Marie, “uma radicalização do futurismo e do dadaísmo, apresentando um exercício de ruptura da palavra, em prol da beleza sonora dos fonemas” (Aumont; Marie, 2003, p. 176 *apud* Uchoa, 2017, p. 04).

Debord expõe que a sociedade contemporânea, imersa na constante busca pela imagem, tende a criar uma atmosfera onde a experiência genuína é eclipsada pelo simulacro, resultando em uma realidade cada vez mais mediada e distante de sua essência original. Essa reflexão crítica sobre a espetacularização da sociedade destaca a necessidade de uma análise aprofundada das dinâmicas sociais e culturais para compreendermos os desdobramentos do consumo na contemporaneidade, traduzindo-se numa “relação social entre pessoas, mediada por imagens” (Debord, 1997, p. 03).

Enquanto a sociedade é cada vez mais dominada por imagens e representações superficiais, a deriva oferece uma experiência direta e autêntica da cidade. Ao se permitir vagar sem um destino definido, as pessoas podem redescobrir a cidade por meio dos seis sentidos: enxergando, ouvindo, saboreando, cheirando, tocando, e movimentando-se pelos espaços urbanos. Essa prática sensorial de se perder intencionalmente possibilita uma conexão profunda com a cidade, revelando detalhes, histórias e dinâmicas que frequentemente passam despercebidos. Assim, a deriva se torna uma forma de se reconectar com a realidade urbana de maneira genuína, distante das imagens e construções artificiais que prevalecem na sociedade “espetacularizada”.

Nesse contexto, a deriva se apresenta como uma ferramenta significativa, sua prática consiste em um andar sem curso, uma caminhada que rompe com as rotas predefinidas, permitindo que os participantes se deixem levar pelos impulsos do momento e pelas descobertas espontâneas. Ao adotar a deriva como método de estudo, os indivíduos têm a oportunidade de vivenciar a cidade de uma maneira mais orgânica,

escapando das armadilhas da espetacularização e reconquistando a capacidade de perceber e compreender as transformações reais ao seu redor. Essa experiência permite vivenciar e descobrir no percurso características e valores que podem ser sentidos por meio da visão, do olfato, do tato, do paladar, da audição e da cinestesia.

Historicamente, conforme apresenta Medeiros e Trujillo (2021), a deriva iniciou-se com os dadaístas, movimento artístico da vanguarda europeia no início do século XX, que negava as regras e tradições artísticas, acreditando-se que a arte não necessitava de pedestais e holofotes, mas de questionamentos e de liberdade. O movimento utilizou a deriva como formato de encontro, em que o grupo optou por realizar um percurso errático. Liderados por André Breton, organizaram uma deambulação partindo do centro de Paris até Blois, cidade escolhida ao acaso no mapa (Medeiros; Trujillo, 2021, p.05).

Acredita-se que tal processo, experienciado por Breton, escritor francês e teórico do surrealismo, inspirou a dedicar-se à produção do Manifesto Surrealista, marcando assim, o início do movimento surrealista, quebrando não somente paradigmas de como se orientar pela arte, como também abordando a importância da revolução social e política, destacando a necessidade de uma transformação radical na sociedade. Com isso, a “Deriva Surrealista”, possibilitou, conforme descrito por Careri (2013), um caminhar enquanto jornada para além das fronteiras tangíveis, podendo ser interpretado como uma busca pelo inconsciente do território. Essa ideia de percorrer as ruas e os espaços urbanos não apenas como um ato físico, mas também como uma incursão nos recantos escondidos da psique coletiva, alinha-se de maneira intrigante com os princípios surrealistas.

Dessa maneira, ao caminhar, os surrealistas procuravam acessar o inconsciente coletivo e desvendar os mistérios que residem nas ruas, praças e becos. Essa abordagem transcende a superfície visível da cidade, adentrando as camadas mais profundas da experiência humana. A cidade deixa de ser apenas um cenário objetivo e torna-se um terreno fértil para a expressão do inconsciente, em que o surrealismo encontra inspiração. Nesse contexto, o ato de caminhar, transforma-se em uma forma de revelação, uma jornada que desvela o maravilhoso e o surpreendente em meio ao mundano. Essa prática, alinhada ao espírito surrealista, busca resgatar a magia que pode residir nos detalhes do cotidiano, convi-

dando-nos a enxergar a cidade não apenas como um espaço físico, mas como um palco para a manifestação do inexplorado e do extraordinário.

Para Jacques (2012), a teoria da deriva, emerge como um instrumento de experienciar conceitos, distanciando-se de um simples passeio pela sua ênfase na conexão, na aproximação, nas pausas e nos questionamentos. Transcendendo a noção tradicional de passeio, exige uma participação ativa e reflexiva do indivíduo no ambiente circundante. É no ato de se deixar levar pelo território, permitindo-se explorar, interagir e questionar, que a deriva se revela como uma prática enriquecedora, capaz de desvelar aspectos menos óbvios e mais profundos do espaço urbano.

Assim, propor-se à deriva pela cidade, é permitir-se explorar o espaço urbano com todos os sentidos atentos, transformando cada esquina, beco e/ou avenida em uma nova descoberta. Por isso, a visão não se limita ao óbvio; ela percorre o que está escondido, revelando vestígios do tempo e impressões deixadas pelas gerações que moldaram a paisagem. As cores desbotadas de um mural antigo, as fachadas desgastadas pelo tempo, os detalhes arquitetônicos esquecidos – tudo contribui para uma experiência visual rica e profunda. Assim, o som é outro guia, trazendo à tona as vozes dos passantes, o ronco dos automóveis, e os ruídos constantes da cidade, compondo uma sinfonia urbana que só é notada quando se desacelera e se permite escutar. A audição torna-se uma ferramenta para sentir a pulsação da cidade, cada som contribui para uma narrativa auditiva.

Enquanto se caminha, o olfato captura a essência da cidade e dos produtos expostos na Feira do Rolo, ao cheiro de fumaça e outros aromas característicos que impregnam o ar. O paladar é estimulado pelos sabores marcantes de pratos típicos, como o caldo de cana e o pastel, encontrados em barracas de feiras e praças, trazendo à tona a autenticidade gastronômica da vida urbana. O tato, por sua vez, conecta o corpo à cidade de forma tangível: o toque em superfícies, a sensação das texturas variadas e o sentir do chão sob os pés, enquanto se caminha pela área central de Bauru. Por fim, a cinestesia, ou o sentido do movimento, completa essa experiência sensorial, em que cada passo é uma busca por conexão, por sentir parte do espaço que se percorre, transformando a deriva em uma forma de compreender e se integrar à cidade em sua totalidade.

Além disso, a deriva, ainda que definida como um processo de descobrimentos que aceitam as dificuldades do terreno e as adversidades do espaço, permitindo o corpo ir e vir sem um traçado pré-definido, teve atribuições quanto sua prática e formação enquanto ação de deslocamento, a partir do texto “A Teoria da Deriva”, escrito por Debord (1958), em que o autor apresenta modos de melhor realizá-la, por exemplo, a instrução de caminhar sozinho ou em grupo, que sejam proporcionalmente divididos entre si, o autor sustenta a crença de que quanto menor for o grupo, ou mesmo individualmente, o corpo que realiza a deriva pelo espaço, maior será a qualidade e a profundidade da percepção desse espaço.

Acredita-se que, de maneira semelhante à deriva, a cartografia pode ser reconhecida como um método de análise e construção, seja de maneira individual ou coletiva. Além disso, ela é percebida como uma ferramenta de conversão, na qual é possível representar fisicamente, por meio de desenhos, colagens, escritos e junções, o ato de deambular, as constatações do território e as percepções de afeto, tornam-se uma linguagem visual que comunica as complexidades das experiências vivenciadas durante a deriva, o que, enriquece a compreensão do território explorado.

A cartografia, segundo a perspectiva de Deleuze e Guattari (1996), busca por especificidades em diferentes territórios, com o propósito de compor uma área dinâmica. Inicialmente, associada ao campo da geografia, a cartografia, transcende suas origens disciplinares e é atualmente convertida e aplicada em variados estudos. Nesse contexto, a cartografia de Deleuze e Guattari, não se restringe à representação estática de espaços geográficos, como também torna-se uma ferramenta conceitual flexível, capaz de mapear dinâmicas complexas, relações sociais e processos culturais. Por isso, ao ser aplicada em diferentes domínios, ela oferece uma abordagem inovadora para compreender e explorar a multiplicidade de territórios, proporcionando uma visão mais rica e fluida das interações entre sujeitos e seus ambientes.

Nesse sentido, a cartografia pode ser compreendida não apenas como um instrumento técnico de representação geográfica, mas também como um composto intrincado de sensações e percepções, conforme apresenta Deleuze e Guattari (1996), Transferidas do espaço dos sentidos para um meio físico. Nesse entendimento, a cartografia transcende as fronteiras convencionais da representação cartográfica, tornando-se uma expressão vívida das experiências humanas no espaço. E assim, ela se converte em um meio capaz de traduzir não apenas coordenadas ge-

ográficas, como também as nuances emocionais, as relações culturais e as narrativas individuais que permeiam um território. Assim, a cartografia, quando concebida como um composto de sensações e percepções, proporciona uma abordagem mais holística e enriquecedora para a compreensão dos lugares e das conexões intrínsecas entre os sujeitos e o espaço que habitam.

Da cartografia, munida da ação da deriva, em que o corpo ermo plana pelo espaço, surge a partir de estudos desenvolvidos por Careri, a caminhografia. Nessa abordagem, o corpo desprovido de rumo pré-determinado, vagueia pelo espaço de maneira erma, alinhando-se com a essência da deriva. A caminhografia representa a fusão da cartografia, que tradicionalmente representa o espaço de maneira estática, com a ação dinâmica e exploratória da caminhada. Careri (2013), ao explorar essa interconexão, ressalta que a caminhada é a forma primordial pela qual os seres humanos habitam o mundo. Logo, a caminhada torna-se uma forma para que os seres humanos experimentem o mundo, revelando uma conexão íntima e vibrante com o espaço ao seu redor e, assim, por meio desse movimento o indivíduo não apenas percebe, mas também delimita e dá significado ao seu ambiente. Por isso, cada passo marca a interação com a paisagem, em que o espaço deixa de ser apenas um pano de fundo e torna-se integrante da vivência, moldando memórias, reflexões e conexões com o mundo ao redor.

Segundo Rocha e Santos (2023), a caminhografia urbana empreende a tarefa de mapear, estabelecendo um diálogo contínuo com a cidade em seu próprio contexto. Esse método representa um processo constante que implica na exploração ativa da cidade com um corpo atento, promovendo um deslocamento da experiência à medida que se caminha pela paisagem urbana. Nessa abordagem, a interação dinâmica com o ambiente, enquanto se percorre os tecidos urbanos, revela-se como um meio rico para compreender, narrar e, de certa forma, (co)criar a identidade e a complexidade do tecido urbano, “[...] pensando nos lugares como produtores de subjetividade, na relação espaço-corpo” (Rocha; Santos, 2023).

Dessa forma, com base nas teorias apresentadas, foi realizada uma deriva, junto a um processo de reconexão com o espaço urbano em questão, buscando “caminhografar” as paisagens e as diversas características que compreendem a área central, utilizando a prática da caminhada como um meio de explorar ativamente e vivenciar o ambiente urbano,

uma vez que, “[...] a caminhada poderia constituir um exemplo fundamental dessa experiência de paisagem” (Besse, 2014, p. 48).

Com isso, a deriva fundamenta-se num descompasso andante, da qual o percurso não é previamente definido, mas, sim, deixa o corpo fluir e encontrar caminhos para (re)descobrir. Para registrar essa experiência, utilizou-se o aplicativo de rastreamento “ASICS Runkeeper”, que em conjunto com o GPS do smartphone, permitiu documentar o traçado resultante desse movimento errante. O resultado gerado por esse desenho serviu de base para as colagens cartográficas que compõem este texto, como ilustrado na Figura 1, que apresenta um mapa da região central por onde esse corpo se deslocou. Além disso, registros pontuais destacam as características específicas dos locais percorridos, que serão descritas a seguir.

Figura 1 – Cartografia apresentando o traçado resultante da deriva, sobre imagem de satélite da área central de Bauru
 Fonte: Elaborado pelos autores (2024)



Com a intenção de capturar as nuances do espaço, as experiências sensoriais e as interações subjacentes à cidade, este exercício visa não apenas compreender o espaço de maneira mais profunda, mas também oferecer uma perspectiva única e enriquecedora da interação entre o sujeito e o ambiente urbano. Ao explorar essas dimensões, busca-se revelar camadas ocultas da vivência urbana, permitindo uma conexão mais íntima e reflexiva com o contexto em que o indivíduo se insere.

DERIVA CAMINHOGRÁFICA NO CENTRO DE BAURU

A deriva caminhográfica pela área central de Bauru não teve como objetivo alcançar endereços específicos, mas, sim, explorar o terreno de maneira descompromissada. Optou-se por descer em direção à linha férrea que contorna o Centro ao norte, partindo do cruzamento da Avenida Nações Unidas com a Avenida Rodrigues Alves. O percurso seguiu por esta última, até a Rua Araújo Leite, alcançando através da Rua Primeiro de Agosto a Praça Rui Barbosa, em que a montagem de um palco para uma apresentação musical estava em andamento. A deriva continuou pela Rua Batista de Carvalho, o corredor comercial tradicional de Bauru, que, devido ser domingo, exibia uma dinâmica mais tranquila se comparada aos dias de semana.

Ao circundar as ruas vizinhas, permanecendo no centro, explorou-se a área mais residencial, testemunhando donas de casa realizando a limpeza das calçadas, ouvindo músicas emanando das casas e identificando uma concentração de espaços religiosos frequentados por fiéis. Observou-se na região, manchas, conforme análise dos autores, com a localização de cinco modos de comércio: “Comércio de Adorno” (artesanal), uma vez que, nessa região circulam artesãos comercializando pulseiras, brincos e colares produzidos com sementes, penas e contas; o “Comércio de Rua”, delineia uma região vibrante e diversificada, definida por sua atmosfera popular e efervescente. Nesse cenário, convergem vendedores de diversas partes do país, cada um trazendo consigo uma rica tapeçaria cultural e uma variedade de produtos únicos. Além disso, a presença de comerciantes oriundos de diferentes partes do mundo confere a essa área uma dimensão global, da qual se entrelaçam não apenas produtos, mas também experiências e tradições de diversas culturas.

O “Comércio de Esperança”, na região suscita interpretações ambíguas, abrangendo tanto a esperança como a busca espiritual dos fiéis que frequentam os templos religiosos existentes na região e que abraçam diferentes crenças, quanto a esperança de reativação da ferrovia. Essa dualidade reflete a complexidade da comunidade, em que as aspirações espirituais se entrelaçam com esperanças de desenvolvimento econômico por meio da revitalização de estruturas e patrimônios. O “Comércio de Tradições” destaca-se pela preservação de costumes comerciais presente nos tradicionais magazines da cidade. Alguns desses estabelecimentos são geridos pela terceira geração familiar, enquanto outros foram adquiridos por novos proprietários que mantêm a essência e a

aura do comércio de vendas. Esses, muitas vezes, são fundamentais na construção da identidade de uma comunidade, servindo como testemunhas silenciosas das transformações sociais e econômicas ao longo das gerações.

Já o “Comércio de Esquecidos” destaca-se pela presença marcante de estabelecimentos pouco utilizados, embora sua notoriedade seja difundida entre a população. O Centro abriga comércios que ocupam edificações subutilizadas ou até mesmo abandonadas, gerando uma atmosfera mais estática, marcada pela ausência de movimento e pela escassa circulação de pessoas. Essa aparente estagnação cria um contraste intrigante com a profunda familiaridade que os residentes têm com esses locais, revelando um paradoxo entre o reconhecimento da importância histórica e cultural desses estabelecimentos e o desinteresse prático em utilizá-los de forma mais ativa. Esses lugares, muitas vezes, tornam-se testemunhas silenciosas de uma história passada, enquanto o presente se desenrola com um sentimento ambíguo de apreciação e desatenção.

Vale ressaltar ainda, que a análise apresentada diz respeito à percepção captada durante a deambulação pela área em questão. A seleção dos comércios mapeados compreende o percurso específico realizado, como evidenciado pela cartografia presente na Figura 2, sendo que a interpretação dos resultados está intrinsecamente ligada à experiência direta da observação in loco, destacando a importância do contexto espacial na compreensão desses estabelecimentos. A escolha criteriosa do trajeto visa oferecer uma visão representativa e abrangente dos diferentes tipos de comércios presentes, contribuindo para uma análise mais precisa e contextualizada da dinâmica comercial na região.

Figura 2 – Cartografia apresentando a divisão de comércios, segundo o olhar dos autores

Fonte: Elaborado pelos autores (2024)



Outro comércio identificado configurou-se esporádico e itinerante, o “Comércio de Descartes”. Por abrigar feiras tradicionais, como a Feira do Rolo, da qual é possível comprar desde verduras frescas, até peças para eletrodomésticos e vestuário em geral. Nessa região a circulação de pessoas além de variado é frequente desde as primeiras horas do domingo até o início da tarde. Esse tipo de comércio é comum em mercados de pulgas, feiras de trocas, lojas de segunda mão.

A Feira do Rolo, localizada entre as quadras 01 e 06 da Rua Gustavo Maciel, é uma vibrante mistura de cores, aromas e sons. No início do trajeto, os feirantes tradicionais ocupam o espaço com barracas de hortifrúti, temperos e alimentos, como pastéis, bolos e pães, oferecendo uma experiência gastronômica autêntica. A feira se estende até a quadra 01 da Rua Gustavo Maciel, junto ao Largo da Estação Ferroviária da Companhia Paulista, e ao longo das quadras 01 a 05 da Rua Rio Branco, onde acontece a movimentada feira de trocas. Neste trecho, são encontrados produtos usados e variados, em um ambiente marcado por trocas e negociações. O nome “Feira do Rolo” reflete o caráter multifacetado do evento: “rolo” como a forma de fazer negócios baseada em trocas e “rolo” pelo ambiente pulsante, em que diversas vozes, anúncios e músicas se misturam, criando uma atmosfera única.

A deambulação proporcionou uma reconexão profunda com a cidade, meu espaço de convívio diário que, por vezes, passa despercebido durante as correrias cotidianas. O percurso não predefinido, fruto de passos livres pelos corredores de passagem, transformou-se em um palco para diversas observações e questionamentos que, por vezes, escapam à rotina acelerada. Essas experiências foram cuidadosamente anotadas, capturadas através de fotografias e apreciadas, revelando detalhes muitas vezes ignorados. Essa prática permitiu uma redescoberta da cidade, da qual cada esquina e fachada se tornaram pontos de reflexão sobre a riqueza das múltiplas linguagens arquitetônicas presentes.

Assim, revelou-se a diversidade estilística que se manifesta devido ao constante processo de desenvolvimento. Diferentes quadras exibem edificações com conceitos arquitetônicos variados, sendo o Ecletismo proeminente com seus adornos, enfeites e formas detalhadas, enquanto expressões ligadas ao modernismo apresentam linhas mais retas, horizontalidade, desenhos mais fluidos e fachadas mais limpas. A cidade, assim, se revela como um museu arquitetônico ao ar livre, onde cada

construção conta sua própria história e contribui para a rica tapeçaria urbana.

No decorrer do percurso, a observação atenta não se limitou apenas às edificações e suas variadas linguagens arquitetônicas, formas e características visuais. Também se dirigiu ao estado de conservação e à notável quantidade de lotes e edificações ociosas na região central. Muitas dessas estruturas, exibindo placas de oferta para locação ou venda, revelam um cenário comum em diversas cidades, em que o centro histórico abriga edificações desocupadas ou com uso restrito, como é o caso de comércios que operam apenas até determinado horário. Essa percepção alimenta uma reflexão sobre a dinâmica urbana, destacando o desafio de revitalizar e reutilizar espaços centrais, buscando formas de potencializar a vitalidade dessas áreas e promover uma ocupação mais efetiva de seus recursos urbanos.

A questão do esvaziamento das áreas centrais das cidades é complexa, envolvendo múltiplos fatores que devem ser analisados cuidadosamente. Em Bauru, por exemplo, a área central, embora bem consolidada e repleta de serviços, comércios e habitações ocupadas principalmente pela classe média, enfrenta um esvaziamento significativo à noite. Durante o dia, há grande movimentação, mas à noite, a maioria das vias, exceto os corredores de tráfego, acabam redirecionando as pessoas para outras regiões da cidade. Essa dinâmica é apoiada por autores como Castells (1972) e Jacobs (1961), bem como por observações feitas durante caminhadas em diferentes horários. Além disso, a análise inclui a perspectiva de um dos pesquisadores, que reside na área e vivencia diariamente seu potencial, trazendo uma visão prática e contextualizada sobre o fenômeno.

Na deriva foram vivenciadas surpresas tanto fascinantes, quanto inquietantes. Uma dessas experiências notáveis foi “virar uma esquina” e deparar-se com uma edificação em estilo eclético, surpreendentemente preservada e ainda habitada, evocando uma sensação de encanto pelo cuidado com o patrimônio arquitetônico. No entanto, o passeio também reservou surpresas, como ao parar para observar o entorno e perceber que, simultaneamente, era objeto de observação por parte de outros. Esses encontros inesperados e as dinâmicas imprevisíveis da deriva proporcionaram uma experiência rica e multifacetada, revelando a complexidade e a dualidade do ambiente urbano, comprovando que de fato “O acaso ainda tem importante papel na deriva” (Debord, 1958).

A cartografia, resultante da deriva manifesta-se como uma colagem de pedaços da cidade, não apenas retratando a área central, mas exemplificando-a de maneiras diversas, como qual tipo de calçamento, de arborização, se há intervenções humanas como grafites ou pichações, tipos de edificações, se há barreiras visuais e/ou físicas, entre outras. Ela se revela como uma representação que vai além das coordenadas geográficas, capturando a complexidade e diversidade do território, por meio de uma miríade de perspectivas e experiências únicas. Cada fragmento registrado contribui para criar uma narrativa que ilustra a deriva caminhegráfica e a sua capacidade de desvelar as inúmeras facetas do percurso, conforme a Figura 3, uma colagem cartográfica.

O valor do exercício da caminhografia reside em si, pois proporcionou uma reconexão significativa com o território que constitui minha rotina diária. A experiência foi enriquecedora ao permitir uma imersão nas nuances do ambiente urbano, favorecendo a redescoberta e a compreensão mais profunda da paisagem cotidiana. Ao abrir espaço para a exploração livre e descompromissada, a deriva revelou-se como uma prática valiosa por si só, destacando a importância de percorrer vagarosamente espaços familiares com outro olhar, mais atento e afetuoso e da conexão íntima com o território explorado, sendo de fato um ato de “Caminhar para encontrar, para se perder, para (re)significar” (Rocha; Paese, 2019).

Figura 3 – Colagem cartográfica de registros fotográficos a partir da deriva, tratam-se de capturas próximo aos locais deambulados
 Fonte: Produzido pelos autores (2024)



Na prática da deriva, pelo Centro de Bauru, as marcas tornam-se elementos salientes, revelando uma temporalidade rica em modificações, ações humanas e influências ambientais, possíveis de serem sentidas por meio do tato, junto a visão. Algumas dessas marcas ressignificam a espacialidade, enquanto outras podem desmerecer a área, não pelo seu significado, mas por esconder a beleza arquitetônica e urbanística da região. Depredações ao patrimônio, pichações como resposta socio-cultural e ruínas causadas pelo tempo ou pela intervenção humana são exemplos de marcas que se destacam nesse contexto de reconhecimento da área.

As marcas visuais, que por meio do sentido da visão podem ser visualizadas nas imagens que compõem as colagens ao longo do texto, se revelam como adições valiosas a uma paisagem carregada de informações. Essas características se tornam visíveis, seguindo a ideia de Jacques (2008), de que as cartografias resultam em mapas atualizados pela prática, vivência e experiência do espaço urbano moldado pelos habitantes. No âmbito arquitetônico, as marcas evidenciam as variadas linguagens arquitetônicas presentes na região, como o Art Déco, o Ecletismo, o Moderno e o Contemporâneo. As fachadas das edificações, mesmo as comerciais, apresentam marcas distintas, destacando as entradas principais em relação aos acessos secundários. Além disso, as marcas da degradação também se fazem presentes, resultantes de reformas ou da ação implacável do tempo.

Um outro sentido que se destacou em diferentes intensidades foi o som, manifestando-se de várias formas ao longo da deambulação. Em alguns momentos, o ruído dos veículos predominava; em outros, eram as vozes que se misturavam ao fundo, acompanhadas por uma música, um ruído ou um cantarolar distante. Próximo ao “Comércio de Adornos”, o som era dominado pelo tráfego intenso, refletindo a localização em vias de grande fluxo de veículos. No “Comércio de Rua”, devido ao domingo e à inatividade do comércio, o silêncio quase absoluto prevalecia, interrompido apenas pelo som das mulheres empurrando seus carrinhos de feira sobre o calçamento de pedra portuguesa. Já no “Comércio de Esperança”, uma área predominantemente residencial, o som era uma mistura de músicas gospel dos templos próximos e as caixas de som dos moradores que aproveitavam o domingo. No “Comércio de Esquecidos”, o silêncio voltava a reinar, quebrado ocasionalmente por um som distante e quase imperceptível. Por fim, no “Comércio de Descartes”, o som era

uma verdadeira cacofonia: ritmos, vozes e barulhos diversos se misturavam, fazendo jus ao nome e à natureza multifacetada da feira.

O urbanismo impresso na paisagem ao longo da deriva, é percebido através do desenho das ruas, calçamentos e a distribuição de espaços residenciais. Essas características revelam a idade do espaço urbano, do qual o patrimônio edificado assume um papel protagonista ao lado dos habitantes. A linha férrea, que margeia a área explorada com as antigas estações Noroeste do Brasil e Ferrovia Paulista S/A, que também se destacam, evocando a influência histórica da ferrovia na região. Na Praça Rui Barbosa, ponto final onde ocorre a Feira do Rolo, a marca social é evidente, especialmente aos domingos, quando a praça é utilizada para atividades de lazer por pessoas de diversas faixas etárias. Essas marcas coletivas e individuais contribuem para a narrativa única e rica da deriva na central de Bauru.

Sendo este um dos primeiros espaços públicos e abertos na cidade, constituída de uma paisagem que foi moldada ao longo dos anos, a Praça Rui Barbosa desempenha um papel essencial como espaço de passagem e breve permanência no coração da cidade. Durante os dias de semana, ela se transforma em um ponto de encontro para um público específico, especialmente pessoas com 60 anos ou mais, que encontram na praça um local de descanso, seja antes ou depois de visitarem a Matriz do Divino Espírito Santo, localizada ao lado, ou após caminharem pela Rua Batista de Carvalho, a principal via de comércio popular de Bauru. Já nos finais de semana, a praça ganha uma nova dinâmica, atraindo uma diversidade maior de frequentadores em que jovens se reúnem para batalhas de rima, crianças correm e brincam, enquanto mães e pais aproveitam o espaço para conversar, observar e deixar o tempo passar tranquilamente. Assim, a praça se adapta às necessidades de seus diferentes públicos, mantendo-se como um ponto vital de convivência na cidade.

Em alguns momentos, experimentou-se a sensação de ser guiado pelo desejo profundo de conexão a este espaço. Essa jornada de deambulação não apenas proporcionou uma exploração física do ambiente, mas também transformou-se em uma busca emocional, uma tentativa de entender e assimilar os detalhes e peculiaridades da área central. Ao caminhar, cada passo tornou-se um gesto consciente de querer pertencer, uma maneira de ancorar presença e participar ativamente na construção do significado desse lugar, transformando o simples ato de caminhar em

uma dança harmoniosa com o espaço, em que cada movimento revela novas dimensões, estabelecendo uma conexão entre o indivíduo e a cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da deriva urbana pela área central de Bauru revelou-se uma jornada única através do espaço que testemunhou o desenvolvimento da cidade. O tecido urbano, entrelaçado pela história da ferrovia e suas relações com a sociedade, ganha vida sob um novo olhar durante esse processo de exploração. Ao se entregar à deriva, o corpo se liberta das amarras cotidianas, permitindo-se fluir pelas ruas e vielas, desvendando a cidade em uma manhã serena de domingo. O resultado dessa deriva transcende a mera caminhada; transformando-se em uma construção cartográfica de experimentação. Cada esquina, cada praça, cada edifício conta sua própria história, revelando camadas do passado e do presente. A cidade, muitas vezes despercebida, revela-se, oferecendo perspectivas inéditas das paisagens do dia a dia.

A cidade é percebida pelo corpo, tornando-se uma extensão sensorial onde cada detalhe é captado pelos seis sentidos. Essa interação cria uma simbiose única entre a cidade e o corpo que a percorre, em que enxergar, ouvir, cheirar, saborear, tocar e movimentar-se pelos espaços urbanos revelam uma conexão íntima e viva com o ambiente urbano, transformando a experiência em algo profundamente imersivo e autêntico.

A análise das diferentes espacialidades revela um território diverso, onde o antigo e o moderno coexistem, criando uma paisagem única. A deriva urbana, ao proporcionar uma compreensão mais profunda da cidade, permite que seus habitantes se reconectem com o ambiente urbano de maneiras que o cotidiano, em decorrência da pressa acaba não permitindo. Essa abordagem descompromissada e contemplativa revela a área central de Bauru em sua essência, transformando cada esquina em uma página em branco a ser preenchida pelos passos curiosos daqueles dispostos a explorar as nuances de sua própria urbanidade. A arquitetura das edificações revela detalhes que escapam à pressa dos passantes, enquanto a ornamentação das fachadas se torna uma expressão artística muitas vezes ignorada. O traçado urbano, quase invisível na rotina, revela-se como um mapa intrincado de histórias e influências.

Em suma, a deriva, tal como apresentada por Careri (2013), deve ser compreendida como uma experiência essencialmente corporal, que ultrapassa a simples análise técnica de edificações, tradicionalmente focada no estilo e estado físico dos espaços. Em vez disso, a deriva nos convida a uma imersão autêntica no ambiente, transformando-nos de meros observadores em participantes ativos do espaço que percorremos. Essa prática nos permite não apenas estudar, mas sentir e vivenciar plenamente o ambiente, estabelecendo uma conexão profunda e significativa com o lugar, enriquecendo nossa percepção e compreensão do espaço urbano.

REFERÊNCIAS

BESSE, J.M. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000 [1972].

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEBORD, G. A teoria da deriva. Texto originalmente publicado no nº 2 da revista Internacional Situacionista em dezembro de 1958. In: JACQUES, Paola B. (org.). **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

GHIRARDELLO, N. **Bauru em temas urbanos**. Tupã, São Paulo: ANAP, 2020.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. Coleção a. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2000 [1961].

JACQUES, P. B. (org.). **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JACQUES, P. B. (org.). Corpografias urbanas. **Arquitextos**, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008.

JACQUES, P. B. (org.). **Elogio aos errantes**. Salvador: Editora UFBA, 2012.

MEDEIROS, A; TRUJILLO, J. Cartografia da deriva: história, legado e aplicações da teoria situacionista em tempos de crise. *In*: PROJETAR: ARQUITETURA, CIDADE E PAISAGEM PROJETAR EM CONTEXTO DE CRISE, 10., 2021, Lisboa. **Anais** [...]. nov. 2021.

ROCHA, E.; PAESE, C. Caminhografia urbana. **PIXO- Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v. 3 n. 11, 2019.

ROCHA, E; SANTOS, T. B. Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. **Arquitextos**, 281, ano 24, São Paulo, out. 2023.

UCHOA, R. F. Cinzelamento: da teoria letrista à prática cinematográfica de Maurice Lemaître, o caso O filme já começou? **Rebeca: Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**, São Paulo, Ano 6, Vol. 1, n. 11, p. 01-30, jan./jun. 2017.